

SEÇÃO

2

CURRÍCULO E DESENVOLVIMENTO

CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA RECENTE EXPANSÃO DO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO

Angelo Brigato Ésther¹

angelo.esther@ufff.edu.br

¹ Pesquisador e professor associado da Universidade Federal de Juiz de Fora, no Departamento de Ciências Administrativas da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis. Pós-doutor pelo Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra (Portugal).

Se olharmos a história da Universidade Brasileira, veremos que ela é muito recente. A Universidade Brasileira enquanto tal não tem 100 anos de vida e ela é fruto de sucessivas crises e reformas. Na primeira metade do século XX tivemos diversas reformas muito próximas umas das outras. Há, no geral, dois pontos de vista, duas concepções, aquilo que podemos chamar de “identidade institucional”. Há, assim, uma dicotomia: as chamadas universidades interessadas em pesquisa e busca de conhecimento e outra perspectiva de educação superior voltada para formação de mão de obra para o mercado de trabalho.

Estou simplificando, mas seriam duas concepções ideológicas quase que inconciliáveis, sobre certos pontos de vista pelo menos. Temos alguns marcos históricos mais recentes, como a reforma do estado no Brasil nos anos 90, já que a universidade naquela época passa a ser avaliada, a ser olhada mais de perto, por meio de indicadores de performance e resultados operacionais, de acordo com pressupostos econômicos neoliberais.

Mas, a partir dessa reforma dos anos 90, o ensino superior privado cresceu bastante. Em governos mais recentes, por exemplo, nós tivemos uma expansão, da universidade pública, por meio do REUNE, lançado em 2007. Estamos fazendo 10 anos de lançamento do REUNE com consequências positivas, de coisas boas que aconteceram como, por exemplo, a ampliação do acesso, mas também uma série de problemas.

Quando se propõe a expansão de um sistema, de certo modo se está partindo do princípio de que ele está funcionando ou de que ele é adequado. Mas se ele estiver no caminho errado, a situação poderia piorar. Assim, qual é a concepção de universidade que o REUNI pressupõe? Qual é a concepção de ensino superior que ele comporta? Qual é a concepção de conhecimento que se quer produzir?

O REUNI foi um processo polêmico, não havia unanimidade. Em grande medida, os reitores se viram obrigados a aderir ao REUNI porque já estavam há uma década sem recursos. Me parece que ao longo desses últimos anos faltou, assim, um protagonismo maior da própria universidade. Sobretudo em relação aos reitores e à ANDIFES (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior).

A sensação que eu tenho é de que esta foi uma reação muito mais reativa do que propriamente proativa.

Temos, na verdade, um embate de diversos atores que tendem, obviamente, a defender suas posições. Nesta disputa, eu entendo que as próprias universidades e parte do movimento estudantil, também, perderam bastante do seu protagonismo nos últimos anos.

Neste contexto, e isso é uma perspectiva global, já desde os anos 80, está chegando ao Brasil a perspectiva da chamada “universidade empreendedora”. Ela é fortemente compatível com a ideia daquela reforma do Estado de acordo com o modelo de economia e sociedade mais liberal, do ponto de vista econômico. Ou seja, uma universidade voltada para a oferta de produtos e serviços. Ou seja, o conhecimento passa a ser um produto ou uma mercadoria a ser vendida, algo, aliás, já pressuposto desde meados do século XX.

Essa lógica, desde a reforma do Estado dos anos 90, vem aos poucos sendo implementada na universidade, a de aplicar aquilo que se chama de “gerencialismo”, ou seja, a lógica gerencial da empresa privada em uma instituição pública. E no meu modo de ver, são lógicas um pouco diferentes. Até pela finalidade e a quem interessa. O que não quer dizer que eu seja contra racionalizar recursos, buscar eficiência, atingir resultados, mas é preciso compreender o que isto significa no caso da educação superior em geral e da universidade em particular

Do ponto de vista dos desafios, nas universidades e na educação superior, temos a questão da gestão. Se eu parto do princípio que ela é uma empresa, resta buscar lucro. Contudo, se é uma instituição pública, qual a sua finalidade? O que deve-se buscar?

Nós sabemos também que a universidade não atende a um único objetivo. Ela não visa um único resultado. Estamos vendo a maior democratização do acesso à universidade, ou pelo menos uma maior quantidade de pessoas ingressando.

Nós não podemos fazer de conta que a educação reflexiva vá resolver nossos problemas práticos, concretos, econômicos, sociais e demográficos, pelo menos no curto prazo. Mas é preciso pensar isso de uma forma mais articulada. Um dos desafios da educação como um todo, não só a superior, é a integração de todos os níveis. Nós não temos no ensino fundamental ou ensino médio uma educação para a cidadania ou para a política. Esse modelo empresarial na educação pública tem gerado desafios, problemas e consequências sobre a sua identidade, sobre sua finalidade, sua missão histórica e assim por diante.

Esse modelo de universidade, de ser meramente provedora de commodities exclusivamente para o mercado de trabalho, poderia bem ser comparada à “universidade corporativa”, que uma forma mais sofisticada que as empresas adotam para seus centros de treinamento e desenvolvimento.

Embora não apenas, estas questões têm relação com o congelamento de investimentos na educação. No entanto, são questões que já vêm de longa data e que deveriam estar sendo discutidas há muito tempo de forma mais profun-

da e sistemática, inclusive pelas próprias universidades. Por isso, entendo que há falta de protagonismo.

Por fim eu diria que, se nós estamos pensando em qual educação superior queremos e precisamos, temos que pensar qual é o tipo de sociedade que queremos. Mas não há uma solução imediata.